

CRISE ORGANICA E LUTA DE CLASSES HOJE

Ana Maria Said

Universidade Federal de Uberlândia UFU/MG

Para compreendermos o momento de crise orgânica que nos envolve nos dias atuais, partamos do que Marx irá definir, no Manifesto do Partido Comunista, como crise de superprodução que, posteriormente, Gramsci irá definir como crise orgânica do sistema:

Subitamente, a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbárie momentânea; diria-se que a fome ou uma guerra de extermínio cortou-lhe todos os meios de subsistência; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados meios de subsistência, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas de que dispõe não mais favorecem o desenvolvimento de relações de propriedade burguesa; pelo contrário, tornaram-se poderosas demais para essas contradições, que passam a entravá-las; e toda vez que as forças produtivas sociais se libertam desses entraves, precipitam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existência da propriedade burguesa. (MARX, 2006, p.90-91).

O mundo burguês torna-se então, estreito demais para conter as riquezas que criou, afirma Marx. E apenas consegue vencer essas crises, dentro do próprio sistema, destruindo violentamente grande parte das forças produtivas (homens, tecnologia, desenvolvimento científico, etc...), por um lado, e conquistando novos mercados e intensificando a exploração dos antigos.

É sobre esse prisma que devemos analisar o que esta acontecendo hoje no mundo. O Oriente Médio poderia ser esse novo mercado se conseguissem “civilizá-lo”, criar mercado de consumo naquela região. É o que está posto também com a África, que está condenada à morte por não estar aberta ao mercado, afligidos pela fome e por doenças de dois terços de sua população. Já o Oriente Médio, condenado à destruição física de sua milenar cultura, ou de sua população, já que o mercado capitalista não vence a sua cultura e tradições para implementar o consumo naquela região. A cultura do Oriente Médio resiste ao mundo burguês, com seus 5.000 anos de história e, portanto, de outras relações sociais que não as nossas ocidentais.

Sigamos Marx ainda no Manifesto: “Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte,

criar vínculos em toda parte”. E mais abaixo, sentencia: “Sob pena de morte, ela obriga todas as nações a adotarem o modo burguês de produção, força-as a abraçar o que ela chama de civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria um mundo à sua imagem e semelhança”. (MARX, 2006, p. 88-89) E mais, sem mundializar-se constantemente, o sistema burguês não sobrevive.

Já os países periféricos, e nós da América Latina estamos incluídos neles, são mercados para, em momentos de crise de superprodução, serem ainda mais explorados, tentativa que estamos vivendo nesse momento em nosso país.

A base de sobrevivência do capitalismo é a crise, e essa não seria seu fim como tentam nos fazer acreditar. Gramsci, retomando o conceito de crise em Marx, que analisa que seja a base para a continuidade do capitalismo, e não apenas a possibilidade de seu fim, desenvolve seu conceito de crise orgânica, afirmando que o velho mundo agoniza, o novo mundo tarda a nascer e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros. Foi uma vítima do fascismo, compreende o que significa esse claro-escuro do velho que não morre e do novo que não nasce... Afirma que “Todo o pós-guerra é crise, com tentativas de adiá-la, que de tempo em tempo têm sorte neste ou naquele país, nada mais”. (GRAMSCI, Q. p.1755) Falava do pós Primeira Guerra, que é quando viveu.

Refletindo sobre o que significaria crise no sistema capitalista, aponta três pontos fundamentais para compreendê-la:

- 1) que a crise é um processo complicado; 2) que, ao menos se inicia com a guerra, se essa não é a primeira manifestação; 3) que a crise tem origem interna, nos modos de produção e, portanto, de troca, e não em fatos políticos e jurídicos, o que parece os três primeiros pontos a esclarecer com exatidão. (GRAMSCI, Q. 1756)

E define na continuidade de seu texto:

(...) Resumindo, o desenvolvimento do capitalismo foi uma contínua “crise”, se assim se pode dizer, isto é, um rapidíssimo movimento de elementos que se equilibravam e imunizavam. Em um certo ponto neste movimento, alguns elementos tiveram uma vantagem, outros desapareceram ou se tornaram ineptos no quadro geral. Aconteceram então fatos aos quais se dá o nome específico de “crise”, que são mais graves ou menos graves, exatamente segundo os elementos maiores ou menores de equilíbrio que se verificam. (...) Mas, o problema fundamental, é aquele produtivo; e, na produção, o desequilíbrio entre indústrias progressivas (nas quais o capital constante aumenta) e indústrias estacionárias (onde conta muito a mão de obra imediata). Compreende-se que acontecendo também no campo internacional uma estratificação entre indústrias progressivas e estacionárias, os países onde as indústrias progressivas transbordam, sentiram mais a crise, etc. Onde as ilusões várias, dependentes do fato de que não se

compreende que o mundo é uma unidade, se queira ou não, e que todos os países, continuando em certas condições de estrutura, passarão por certas “crises”. (GRAMSCI, Q. p. 1757)

Para ele, a própria guerra é uma manifestação da crise capitalista, mas a crise das superestruturas e do Estado também é. É difícil nos fatos, separar a crise econômica das crises políticas, ideológicas, etc., sendo possível separá-las somente metodologicamente, para sua devida compreensão. Na verdade, desde a Primeira Grande Guerra manifesta-se uma crise do sistema capitalista, que para além das questões no nosso mundo ocidental, gerou crise de desequilíbrio no Oriente Médio (com o fim do Império turco-otomano).

Questões religiosas e étnicas se agravam como consequência dessa crise, o que culmina com o grave problema da imigração na Europa (mas, também em outras regiões do mundo), problema este que vai se avolumando desde a Primeira Guerra Mundial, com vários êxodos, em momentos de agravamento da crise. O pós-guerras foi desses momentos; o fim da União Soviética foi outro. A situação se complica com, por um lado, os extremismos religiosos (que, na verdade, são econômico-políticos), e por outro, com a imigração e situação econômica complicada, os neo-fascismos crescendo no mundo ocidental.

Junte-se a isso que a indústria bélica encontra um filão de crescimento nos conflitos do Oriente Médio e os acirra ainda mais. O imperialismo americano e a sua ideologia de “Democracia”, o que definiríamos imperialismo, agrava ainda mais a situação de crise posta no mundo atual.

Gramsci definirá o conceito de crise orgânica, no Caderno 13, ao afirmar que quando um grupo social se distingue de seus partidos tradicionais, advém uma crise, que poderá se tornar perigosa, porque é crise de autoridade. É o que caracteriza uma crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu complexo. Uma crise orgânica atinge sempre as superestruturas e o Estado, para além da crise econômica. Seria a possibilidade de um chefe carismático (ou um grupo de poder) chegar ao poder, já que então, nenhuma das forças, nem a progressista, nem o grupo conservador, têm a força necessária para a vitória. Pondera que assim, “mesmo o grupo conservador necessita de um patrão” em momentos de crise de autoridade. E isso abre campo para as soluções de força, “para as atividades de potência obscuras representadas por homens providenciais ou carismáticos”. (GRAMSCI, Q., p. 1603) Abrem a probabilidade dos bonapartismos, dos fascismos e seus valores sociais.

Compreende-se, assim, que a crise orgânica se enraíza na sociedade civil, onde se dará a luta hegemônica e contraditoriamente às soluções fascistas, constroem-se as possibilidades efetivas de transformação social, através de uma reforma intelectual e moral, que seria uma mudança concreta da vida material e, portanto, moral e intelectual, porque é a partir de modificações econômicas que se realiza a mesma. É claro que essa construção demanda organização política dos grupos subalternos, de seu Partido, como intelectual orgânico coletivo, como formador e organizador de uma “nuova civiltà”.

A sociedade civil seria a subjetividade capaz de ação na História, afirma Gramsci. Ela é resultado, processo. São as instituições que a formam, como aparelhos de poder, que ele define como aparelhos privados de hegemonia, isto é de coerção e consenso, que possibilitam o avançar da luta hegemônica. É nesse espaço, o da sociedade civil, que acontece a luta pelo poder, a guerra de posição – classe dominante (quem domina os meios de produção) X grupos subalternos.

Para Gramsci, existe uma relação orgânica entre sociedade civil e sociedade política, enquanto Estado, e entre sociedade econômica e sociedade política, em uma relação dialética. Os liberais especulam, afirma ele, “sobre a distinção entre sociedade política e sociedade civil e se afirma que a atividade econômica é própria da sociedade civil (indústria e comércio, eu diria) e a sociedade política não deve intervir na sua regulamentação”. E continua: “Mas, na realidade, esta distinção é puramente metodológica, não orgânica, e na concreta vida histórica, sociedade política e sociedade civil são uma mesma coisa”. (GRAMSCI, Q., p. 460)

No mundo atual, depois do fordismo e dos movimentos fascistas europeus que se caracterizam pelo rompimento com o consenso e com o acirramento da coerção na sociedade civil, inicia-se a forma de Estado Moderno, a “ditadura moderna”, e há uma tentativa de abolir muitas autonomias das classes subalternas, como partido, sindicato, associações culturais, etc., esforçando-se por incorporá-las à atividade estatal, ou seja, segundo Gramsci, “a tentativa de centralização de toda a vida nacional nas mãos da classe dominante, torna-se frenética e absorvente”. (GRAMSCI, Q., p.303) Esse movimento irá repetir-se nos vários momentos de exasperação da crise, e acontece hoje no Brasil.

No Caderno 25, dos *Cadernos do Cárcere*, Gramsci afirma que: “As ditaduras contemporâneas aboliram legalmente inclusive estas novas formas de autonomia e se esforçam por incorporá-las à atividade estatal: a centralização legal de toda a vida nacional nas mãos do grupo dominante torna-se ‘totalitária’”. (GRAMSCI, Q., p.2287).

Seria essa a forma de Estado com a qual Gramsci se defronta - o fascismo, que tenta silenciá-lo, encarcerando-o na marginalidade da prisão fascista. É prática recorrente dos fascismos silenciar os contrários, de muitas formas, tirar-lhes a voz, inclusive dos que lhe são favoráveis, já que a linguagem permitida é a que corrobora o poder. Esse é o risco que corremos todos nós, dada a crise que nos impõe a situação no Brasil de 2016.

A tentativa de dominação total é a de calar os indivíduos, destruindo sua individualidade, incentivando o individualismo, aniquilando sua autonomia como pertencimento a um dado grupo social, o que permite o domínio mais completo e dominante. Isso significa massificar. Sem as organizações sociais, torna-se possível facilmente o domínio, por isso o apelo contrário aos partidos, contrário à representatividade. A tentativa é de desarticular as organizações dos subalternos na sociedade civil. Destrói-se assim o “sujeito histórico” como “vontade coletiva”, construída historicamente pelas organizações políticas e sociais dos grupos subalternos.

Tornemos à questão da crise, de como através dos meios de comunicação, da superestrutura, se pode travar a luta hegemônica.

Uma ponderação de Gramsci nos guia à compreensão do momento atual brasileiro quando afirma que muitas vezes o Estado-maior intelectual do partido orgânico não pertence a nenhuma das frações, a nenhuma sigla em particular, a qualquer das forças aglutinadas até então, mas opera como se fosse uma força dirigente superior aos partidos e às vezes reconhecida como tal pelo público. Segundo Gramsci: “Esta função pode ser estudada com maior precisão se se parte do ponto de vista de que um jornal (ou um grupo de jornais), uma revista (ou um grupo de revistas), são também eles ‘partidos’, ‘frações de partido’, ou ‘funções de um determinado partido’”. Vide *Rede Globo*, *Revista Veja*, *Revista Isto é*, etc., como organizadores e direcionadores da ideologia dominante, representantes das elites dominantes.

Tudo o que está acontecendo nos impulsiona a pensar se nos esquecemos desse fato. Quais as mídias que representam o partido da classe trabalhadora, dos subalternos? A guerra de posição impõe que os subalternos estejam organizados para a reforma intelectual e moral, que transcorre principalmente no campo das superestruturas. Gramsci afirma que todo homem é modificado ao se modificar seus sentimentos, suas concepções e relações que são expressão desse mesmo homem. A arte e os meios de comunicação são fundamentais, assim como os acessos a uma vida material mais plena.

Parte central da luta hegemônica dos subalternos tem relação com os intelectuais orgânicos de classe. A classe dirigente tem um numeroso pessoal preparado e a

capacidade de retomar o controle com uma rapidez muito maior do que as classes subalternas seriam capazes. A classe dominante, por meio da revolução passiva, imposta, que vem de cima para baixo, que pode conceder, mas sempre para explorar ainda mais,

Talvez faça sacrifícios, exponha-se a um futuro sombrio com promessas demagógicas, mas mantém o poder, reforça-o momentaneamente e serve-se dele para esmagar o adversário e desbaratar seus dirigentes que não podem ser muitos e adequadamente preparados”. (GRAMSCI, Q. p.55)

Foi o que a elite brasileira tentou fazer com o PT, (Partido dos Trabalhadores), o que continua a engendrar, partido este que agrega as forças de esquerda e progressistas no Brasil. A última estocada deveria ser em Lula, líder que poderia sempre reaglutinar essas forças. Temos compreensão desse fato e, porem, eles também. Acusá-lo de crime e processá-lo seria uma forma de impedir, de prevenir a possibilidade de reeleição e de atuação como liderança política, e de reconstrução da organização política dessas forças.

Não existe, com relação aos grupos dominantes, preocupação com o movimento de entregar-se às forças fascistas, a um futuro obscuro e sombrio. Não nos enganemos com o que representa essa onda de nacionalismo no país, que sempre vem acompanhada de atitudes fascistas na sociedade civil, alimentada por ela, pois é a representação de que por trás dessa onda se escondem os interesses internacionais. O capitalismo é um sistema. Segundo Gramsci:

Quanto mais a vida econômica imediata de uma Nação se subordina às relações internacionais, mais um partido determinado representa esta situação e explora-a para impedir o predomínio dos partidos adversários, que representam os verdadeiros interesses da população de um país. (GRAMSCI, Q., p.1562-1563)

Principalmente de um país com tantas necessidades sociais como o nosso. E continua:

Frequentemente, o chamado “partido estrangeiro” não é propriamente aquele que vulgarmente é apontado como tal, mas exatamente o partido nacionalista que, na realidade, mais do que representar as forças vitais do seu país, representa a sua subordinação e a servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas. (idem)

Sabemos bem quais “partidos”, quais siglas, representam o partido estrangeiro hoje no Brasil. Adotar nossas cores nacionais como representação de manifestação de descontentamento e de oposição ao governo mais progressista e democrático dos últimos 14 anos tem esse significado, o de apoiar interesses do grande capital em nossas

maiores conquistas nacionais, como as tecnologias desenvolvidas com o pré-sal, com nosso petróleo, nossas possibilidades de crescimento econômico frente à comunidade capitalista internacional, preocupação com o investimento na educação e na pesquisa em nossa cultura, ainda incipiente, mas em desenvolvimento. Existem riquezas naturais em nosso país que representam objeto de interesse para o desenvolvimento capitalista internacional como as águas de nossos rios, a Amazônia, nossos minerais, etc. As privatizações que o grupo que ora tenta formalizar seu poder e alijar as forças progressistas do governo, são ações que representam o que apontamos como objetivo das forças capitalistas internacionais.

É a concretização da guerra de posição da classe dominante, a luta das forças hegemônicas em nosso país. No sistema capitalista, em que se impõe a dominação de classes, a compreensão do significado dos partidos e do que representam, é fundamental. Vejamos Gramsci:

Estabelecido o princípio de que existem dirigidos e dirigentes, governantes e governados, verifica-se que os “partidos” são até agora o modo mais adequado para aperfeiçoar os dirigentes e a capacidade de direção (os partidos, podem se apresentar sob os nomes mais diversos, mesmo sob o nome de antipartido e de “negação dos partidos”; na realidade, até os “individualistas” são homens de partido, só que pretendiam serem “chefes de partido” pela graça de Deus ou pela imbecilidade dos que os seguem). (GRAMSCI, M.P. p. 20)

É na sociedade civil que se desenvolvem as lutas hegemônicas, e instituições como a Escola e a Igreja, principais pilares da sociedade civil, são aparelhos privados de poder na crise orgânica gerada pela crise de autoridade das classes dominantes (que não são o governo necessariamente, mas as classes proprietárias e que as representam). Seria então, no terreno das instituições da sociedade civil, que se mantém e se reorganiza o poder da classe dominante, que se desenvolvem os desejos coletivos de destruir, sem projeto de construção de uma nova sociedade, alimentando o ódio de cada um ao outro e ao diferente, gerando intolerâncias que levam à solidão como perda de si mesmo, já que não se sentem parte integrante de um grupo, práxis coerente a uma determinada perspectiva de visão de mundo, a fascista, que tem como base a negação dos partidos. As manifestações de 2013 tinham seu centro nessa negação, no sentimento da massa não se sentir representada politicamente.

É nesse terreno que se constroem crises políticas e sociais, que geram crises econômicas, ou as agravam, com a possibilidade de dominação de um determinado grupo, como o que ocorre hoje no Brasil. Não existe ilusão de que golpes são

construídos por agentes políticos apenas, ou por militares, ou pelo Ministério Público. É na sociedade civil que se constroem esses golpes, na defesa da “tradição, da família e da propriedade”, construindo valores fascistas.

Propriedade de quem, devemos perguntar, do nosso povo que nada possui? Ou em nome da defesa da Nação, como ouvimos nos discursos dos deputados na votação de 17 de março? Mas a Nação não é essa maioria que nada tem?

Enfim, para terminar, como sair dessa crise? Também pela luta na sociedade civil, na análise constante da correlação de forças, porque elas indicam quais são os pontos débeis de resistência onde a força de vontade pode ser aplicada mais frutiferamente, sugerem as operações táticas imediatas, indicam a melhor maneira de empreender uma campanha de agitação política, a linguagem que será melhor compreendida pelas multidões, etc. GRAMSCI, Q., p. 1588)

Seguimos Gramsci:

O elemento decisivo de cada situação é a força permanentemente organizada e antecipadamente predisposta, que se pode fazer avançar quando se manifestar uma situação favorável (e só é favorável na medida em que esta força exista e esteja carregada de ardor combativo). (idem)

Nesse sentido, a luta pela elevação civil das massas trabalhadoras, o acesso aos códigos dominantes, que corrobora sua organização política, é crucial para uma sociedade mais justa e igualitária. E é também a forma mais eficaz de combate ao fascismo como manipulação e domínio das camadas subalternas. Então, a luta por manter as conquistas sociais e trabalhistas é nossa estratégia. Manter os valores sociais e igualitários nas concepções de mundo dos subalternos, sua organização política focando seus interesses, sua forma de vida mais solidária, a consciência de seu poder como força hegemônica, torna-se a forma de criação de novos intelectuais orgânicos, de germes de nova sociedade socialista. Os aparelhos privados de hegemonia são os espaços onde se desenvolve essa luta hegemônica, e manter as conquistas na educação seria um dos focos principais da batalha. No campo das igrejas temos também uma longa luta, já que parte da construção dos valores fascistas no Brasil se cunha em torno de algumas igrejas evangélicas. Religião e fascismo como bases para a guerra de posição da classe dominante.

É em torno dessa luta que resistiremos às forças obscuras que ora se nos impõem a partir do golpe de Estado que vivenciamos em nosso país e em nossa

população de maioria trabalhadora e pobre. Resistir à manipulação de meios de comunicação como as TVs, revistas e jornais, como partidos das classes dominantes, com a instituição de meios de comunicação que engendrem valores de igualdade e solidariedade, assim como a consciência da força como grupo social, como sujeito histórico, capaz de constituir novas relações humanas e sociais, é a tarefa que um partido que represente a concepção de mundo e moral dos subalternos deve levar a cabo.

Fundamental é a atenção com os princípios socialistas cruciais, para não cairmos na esparrela da social- democracia, que desde os primeiros embates com o mundo burguês, representa a ideologia das classes médias, e a tentativa de, com uma roupagem democrática, impedir o avanço de superação do capitalismo. Em O dezoito Brumário, de 1856, Marx já apontava a questão:

O caráter peculiar da social-democracia resume-se no fato de exigir instituições democrático-republicanas como meio de não acabar com dois extremos, capital e trabalho assalariado, mas de enfraquecer seu antagonismo e transformá-lo em harmonia. Por mais diferentes que sejam as medidas propostas para alcançar esse objetivo, por mais que sejam enfeitadas com concepções mais ou menos revolucionárias, o conteúdo permanece o mesmo. Esse conteúdo é a transformação da sociedade por um processo democrático, porém uma transformação dentro dos limites da pequena burguesia. (MARX, 1978, p. 48)

Para além de resistir, a superação da crise orgânica deverá significar a superação do mundo da desigualdade e da exploração que é o capitalismo. Esse é o foco da organização política dos grupos subalternos, e deverá direcionar o caminho da luta atual, assim como foi sempre o centro da luta socialista.

Referências

GRAMSCI, A., *Cartas do Cárcere*. Organização de Antonio A. Santucci. Palermo: Ed. Sellerio, 1996.

————— *Quaderni del Carcere: A cura di Valentino Gueratana*. 2. ed.,. Edizione Critica dell'Istituto Gramsci. Torino: Ed. Einaudi, 1975.v. 1, 2, 3 e 4. *Cartas do Cárcere*. Organização de Antonio A. Santucci. Palermo: Ed. Sellerio, 1996.

LIGUORI, G., *Partido e subalternos em Gramsci e hoje* in SAID, A.M. (org), *Pensar a sociedade contemporânea: a atualidade do pensamento de Marx e Gramsci*, Uberlândia, EDUFU, 2014.

MARX, K., *Manifesto do Partido Comunista*. 10 Ed. rev., São Paulo: Global, 2006.

————— *O Capital*, São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

————— *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. 4 Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Recebido em 12 de agosto de 2016

Aprovado em 13 de setembro de 2016

Editado em 15 de dezembro de 2016